



UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 139
JUL./SET. 2013 TRIMENSÁRIO - € 0,20

PROPRIEDADE DA UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

WWW.URAP.PT

geral@urap.pt

EDITORIAL

AVEIRO, UM ANO ANTES DE ABRIL

Como premonição, a um ano, do Abril da Liberdade, o 3º Congresso da Oposição Democrática teve lugar em Aveiro, na histórica primeira semana de Abril de 1973. Realizado no período do dito reformismo marcelista, o Congresso constituiu uma ocasião única para desmascarar, interna e internacionalmente, a falsidade da fachada de liberalização de um regime em agonia, que pelo esmagamento das liberdades civis e pela força tentava manter as aparências em face da desagregação que, somada às demais práticas antidemocráticas que o sustentavam, a guerra colonial em três frentes africanas irremediavelmente lhe estava a causar.

Como sinais dos entraves e da prepotência do regime fascista com que a realização do Congresso se confrontou, ficaram as manobras para o seu silenciamento pela Censura, as dificuldades colocadas ao acesso dos congressistas, desde o encerramento do Parque de Campismo de Aveiro à retenção do comboio “rápido” em Avanca para identificação e intimidação dos passageiros, e o cerco policial à cidade, culminando com a proibição da romagem à campa de Mário Sacramento e a brutalidade do ataque da policia de choque, deslocada de Lisboa, aos democratas que, enfrentando com coragem essa proibição, se dirigiram ao cemitério para homenagear a figura do médico e intelectual antifascista que dinamizara os 1º e 2º Congressos, em 1957 e 1959.

Com a participação, a nível nacional, de largas centenas de democratas, o 3º Congresso possibilitou um levantamento da real situação do país pelas oito secções temáticas que denunciaram, numa impressionante manifestação unitária antifascista, os males de que padecia um regime que, à beira de meio século privando o povo português das suas liberdades e dos seus direitos, se fizera responsável por um atraso cultural, social e económico que nos envergonhava perante o mundo. A essa denuncia seguiam-se as propostas da alternativa democrática, das quais se destacava claramente a solução do Socialismo como via para vencer o impasse em que o país se encontrava mergulhado e para o qual o fracassado reformismo então apregoado pelo estertor do fascismo não tinha saída.

Mas a grande ruptura com o passado, designadamente com os anteriores Congressos, fruto das novas circunstâncias históricas, internas e externas, foi a abordagem pública do problema Colonial, amplamente tratado, com a reivindicação do direito dos povos das colónias à independência, o início das conversações com os Movimentos de Libertação para um cessar-fogo imediato e o regresso a Portugal das tropas coloniais.

Essa matéria tabu, fulcral na discussão sobre o regime, que dela se resguardava acima de tudo, foi objecto de teses e discussão pelos congressistas, tema atentamente seguido por oficiais democratas das Forças Armadas, que em Aveiro observaram os trabalhos e que viriam a integrar o núcleo que dinamizou o Movimento das Forças Armadas, de cujo Programa vieram a constar muitas das ideias debatidas no Congresso.

Aí, publicamente e, pela primeira vez, com tamanha amplitude, ao debater-se a questão do fim da guerra colonial se discutiu a questão do envolvimento de sectores das Forças Armadas no derrube do regime, assunto anteriormente tratado, da maneira alargada e profunda que havia de revelar-se uma antevisão correcta daquilo que viria a suceder dez anos mais tarde, por A. Cunhal, no “Rumo à Vitoria”, de Abril de 1964 (sempre Abril...).

Na sua Declaração Final, com o sentido unitário antifascista que presidiu ao encontro, a Oposição Democrática concluiu que os três objectivos a atingir eram o fim da guerra colonial, a luta contra o poder do capital monopolista e a conquista das liberdades democráticas, como meios de atingir o objectivo final da conquista da Democracia e do Socialismo, afinal aquilo que o Programa do MFA veio a consagrar na fórmula “ Descolonizar, Democratizar, Desenvolver”. Objectivos que começaram a ser concretizados em 25 de Abril de 1974, conheceram um avanço decisivo em 12 de Março de 1975, com as nacionalizações da banca, dos seguros, de grandes empresas estratégicas, com a Reforma Agrária, e que na generalidade prosseguiram durante largos meses ou mesmo anos, apesar dos ventos e das marés que contra a Revolução de Abril se levantaram, vindos de fora ou de dentro.

Mantém-se a necessidade do integral cumprimento desses objectivos, que no essencial estão consignados na Constituição de 1976. Decorridos cerca de quatro décadas as circunstâncias históricas alteraram-se, desde logo com integração do país na União Europeia, a arrumação partidária veio clarificar os espaços onde se movimentam os antifascistas de então, mas as novas gerações, que sofrem o embate dos tempos difíceis que atravessamos, têm que estar conscientes de que a Liberdade e a Democracia, tal como as queremos, não estão adquiridas para sempre, e que só atentos aos ataques mais ou menos subtis de que diariamente são alvo, e dispostos a defendê-las, poderemos conservá-las.

Levy Baptista



CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE ÁLVARO CUNHAL

Protocolo assinado em Peniche

No âmbito das comemorações do centenário do nascimento de Álvaro Cunhal terá lugar, nos dias 3 e 4 de Janeiro próximo, uma evocação da histórica fuga de Peniche de 3 de Janeiro de 1960, em que se evadiram dez destacados militantes do PCP, entre os quais Álvaro Cunhal. A cerimónia consta da instalação de uma exposição permanente sobre as condições prisionais na cadeia, a recuperação da célula onde esteve preso Álvaro Cunhal, a recriação da fuga colectiva com registo audiovisual e a realização de um comício com animação cultural.

Nesse sentido, foi assinado um Protocolo de Colaboração, dia 5 de Agosto, entre a URAP, a Câmara Municipal de Peniche e o Partido Comunista Português. Na ocasião, Encarnação Raminho e Rosa Macedo, do Conselho Directivo da URAP, salientaram a importância do protocolo, pelo simbolismo que representa a figura histórica de Álvaro Cunhal como resistente antifascista e pela importância de homenagear a memória de todos os que lutaram pela liberdade e contra a ditadura fascista de Salazar.



CINEMA EM SANTA IRIA DE AZÓIA

Ao longo deste ano, em vários pontos do País, a URAP, por variadas formas, organiza sessões de homenagem a Álvaro Cunhal, resistente antifascista e secretário-geral do Partido Comunista Português. Em Santa Iria de Azóia, o núcleo da URAP exibiu um filme baseado numa obra literária de Álvaro Cunhal. O filme foi exibido em três sessões (9, 15 e 22 de Junho), no salão da Sociedade 1º de Agosto Santalriense. No dia 22, seguiu-se um debate, no qual participou José Casanova, resistente antifascista, que abordou a vertente intelectual e artística do homenageado.



URAP

Propriedade e edição
da **União de Resistentes
Antifascistas Portugueses**
Membro da Federação Internacional
de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

MARINHEIRO INSUBMISSO

A URAP fez-se representar por Bento Luís nas comemorações do 77.º aniversário da «Revolta dos Marinheiros», que decorreram em Almada no dia 14 de Setembro, junto ao monumento do «Marinheiro Insubmisso». Participaram nas comemorações diversas entidades civis e militares, dos vários ramos das Forças Armadas. Tomaram da palavra os presidentes da Associação de Praças da Armada e da Assembleia Municipal de Almada. No final da sessão, foram depostas coroas de flores junto ao monumento e actuou a Fanfarra do Corpo de Fuzileiros, seguindo-se um almoço comemorativo ao som da Banda da Armada.

MOSTRA DO ASSOCIATIVISMO

O núcleo da URAP de Santa Iria de Azóia participou, dias 14 e 15 de Setembro, numa mostra do movimento associativo local, ocupando uma tenda, cedida para o efeito, com quatro painéis e uma permanência constante de membros da organização. A tenda da URAP mostrou aspectos da sua actividade e exibiu imagens relativas ao «Comboio dos 1000», e filmes sobre a resistência ao nazismo e ao fascismo. O espaço da URAP despertou grande interesse e atraiu a atenção de muitos jovens. Encarnação Raminho, da direcção da URAP, e Olga Macedo, juntaram-se aos sócios de Santa Iria que participaram nos turnos que mantiveram sempre aberta a exposição.



**URBANO TAVARES RODRIGUES**
ESCRITOR, CIDADÃO, ANTIFASCISTA

José Casanova



Com a morte de Urbano Tavares Rodrigues, a Cultura Portuguesa perdeu uma das suas figuras maiores e as forças que se batem por um mundo melhor, justo, fraterno, solidário, perderam um dos seus companheiros de luta de todos os momentos.

A vida de Urbano, escritor e cidadão, foi toda ela de uma entrega total. Dele guardaremos na memória, o seu talento de escritor, com lugar destacado na História da Literatura Portuguesa; o seu exemplo de resistente a tempo inteiro, desde os tempos sombrios do fascismo até este tempo de ataques a Abril e às suas históricas conquistas; a sua postura de assumida verticalidade e dignidade, de notável coragem física e intelectual; a sua fraterna camaradagem e a sua permanente disponibilidade solidária.

A intensa e criativa actividade literária de Urbano Tavares Rodrigues complementou, e foi complementada, sempre, por uma intervenção política consciente, determinada e corajosa.

Em toda a sua vasta obra literária – cerca de uma centena de títulos abarcando praticamente todos os géneros: romance, novela, conto, teatro, poesia, ensaio, crónica, viagens – estão presentes os valores e os ideais, que nortearam a vida do Autor: a liberdade, a justiça social, a paz, a solidariedade, a fraternidade, o sonho de uma sociedade liberta de todas as formas de opressão e exploração.

Muito jovem, fez a sua opção antifascista, participando activamente na campanha eleitoral de Norton de Matos, em 1949 – e foi, a partir daí, um destacado elemento do Movimento da Oposição Democrática e do Movimento da Paz.

Preso três vezes, três vezes enfrentou e venceu a polícia fascista: brutalmente torturado, sempre se recusou a prestar quaisquer declarações à PIDE.

Entretanto, Urbano utilizava a sua outra arma de luta: a escrita. Nos seus textos produzidos no tempo do fascismo, são frequentes as referências à repressão

reinante e à resistência, os estímulos à luta, a esperança na conquista da liberdade.

Por isso, ele foi um dos escritores portugueses mais perseguidos pela polícia fascista e um dos autores com mais livros apreendidos por essa polícia.

Urbano por ele próprio

Em memória dessa acção resistente de Urbano, aqui ficam alguns extractos da novela «Uma Noite e Nunca», escrita em finais de 1958, e inspirada na romagem ao Cemitério do Alto de S. João, realizada no dia 5 de Outubro desse ano.

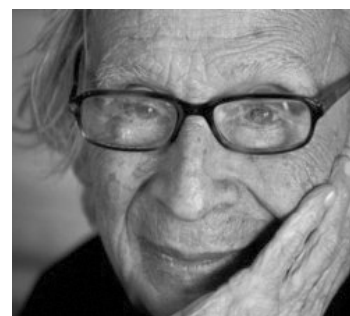
«Só quando, já na larga avenida, os homens de azul começaram a barrar-lhes o caminho e a espancar os mais obstinados, estudantinhos testarudos, que escudavam a cabeça com os braços e tentavam romper a direito, moços operários que haviam trocado o rubor do futebol pelo próprio sangue que já lhes ia inutilizando a camisa domingueira – só então as bocas se abriram, para cantar em coro, e Licínio, esquivando-se à pancada de um casse-tête, arrastando consigo a mulher num abraço de emergência, viu transbordar, e rolar em caudal, o grosso da multidão, indetível, dos passeios para o asfalto, onde os automóveis e as motoretas se puseram a buzinar, até que apareceram lenços e chapéus a acenar-lhes e não poucos sorrisos de estímulo, incrédulos mas excitados, floriram em rostos casuais de espectadores (...)

«Os moços mais ardidos tinham logrado, nem se vislumbrava por que prodígio, arrancar pedras da calçada e, com os braços em sangue, atiravam-nas, já cercados, vociferando, contra os mantenedores daquela “ordem”. Depois, como crianças, alguns escaparam-se, à furto-lhe-o-fato, correndo aos ziguezagues, até tombarem sob as matracas. E, na esperança de aplacarem o furor das fardas ludibriadas, ainda lhes gritavam e imprecavam, antes de cobrirem a face numa última defesa:

“Não batas! Olha que és povo como nós, da mesma massa. Hás-de pagar! Hás-de pagá-las!” (...)

«Foi quando estalaram tiros, vindos de vários pontos, contra a avalanche em marcha. Eram os “outros” que disparavam. Os “outros” que estavam, de facto, perdidos. Cedo ou tarde, agora sim... Porque a violência desmascarada chamaria a violência do povo inerte.

“Agora, sim, se formos capazes de continuar, venceremos!”»



HOMENAGEM A JOSÉ BARATA HERÓI DA LUTA C

*«Entre o chicote e a malária/entre a fome e as bilioses/os mártires da classe operária/
recuperam suas vozes./E vêm dizer aqui/do cabo de Cabo Verde/que não morrem ali/
porque a esperança não se perde (...).»*

José Carlos Ary dos Santos



José Barata, insurrecto da «Revolta dos Marinheiros» contra a ditadura, em Setembro de 1936, deportado em seguida para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, foi homenageado publicamente pela URAP por ocasião do seu 97.º aniversário.

A sessão decorreu dia 31 de Agosto no Clube da Estefânia, em Lisboa, e contou com uma sala repleta de amigos, familiares de ex-tarrafalistas, camaradas de armas, membros da URAP e personalidades convidadas, tais como representantes da Associação 25 de Abril, Associação Praças da Armada, Associação dos Sargentos da Armada, Confederação das Colectividades, Clube Estefânia, Teatro de Mulheres, Movimento Democrático de Mulheres, Partido Comunista Português e a CGTP-IN. José Barata, com apenas 20 anos, foi um dos marinheiros, membro da Organização Revolucionária da Armada (ORA), ligada ao PCP, que participou na acção revolucionária que se apossou dos navios «Dão», «Afonso de Albuquerque» e «Bartolomeu Dias». Como José Barata contou, a Revolta dos Marinheiros começou com a degradação do salário e com a luta promovida



e orientada pela ORA. Eram todos jovens e eram todos praças – não havia entre eles nenhum oficial. Os navios estavam proibidos de aportar em Espanha em portos controlados pela República, só o podiam fazer naqueles tomados pelos fascistas. Houve alguns marinheiros que desafiaram esta ordem e logo foram expulsos e presos pela PIDE. A revolta surgiu, pois, num movimento de solidariedade com esses camaradas e contra o governo fascista dirigido por Salazar.

Depois da operação ter abortado, o governo fascista exerceu a maior repressão sobre os marinheiros envolvidos, sendo José Barata um dos primeiros 152 presos políticos a ser desterrado para o Tarrafal, criado nesse ano por Salazar. Bento Gonçalves, secretário-geral do PCP seria outro dos presos da Colónia Penal do Tarrafal, onde viria a morrer em 1942, vítima de biliose.

BARATA NO SEU 97.º ANIVERSÁRIO CONTRA O FASCISMO



Coragem e coerência

Na sessão, coordenada por José Pedro Soares, para além do homenageado, usaram da palavra Celestina Leão e Feliciano David, após o que se seguiu um debate. José Pedro Soares, que foi também preso e torturado pela PIDE em 1970, fez o elogio do homenageado e uma análise abrangente sobre o Tarrafal e a luta de resistência ao fascismo, referindo-se ainda à actual crise política.

Celestina Leão relatou a entrevista que fez a José Barata, em 2010, sobre a Revolta dos Marinheiros, em que ele recorda os motivos que o levaram, e aos seus camaradas de armas, a sublevar-se e que constitui um testemunho da maior importância.

Feliciano David saudou o homenageado pela sua coragem e coerência ao longo da vida, referiu-se às privações e torturas a que eram submetidos os prisioneiros no Tarrafal, fez o enquadramento político da Revolta na conjuntura da luta contra a ditadura de Salazar, bem como uma análise contextualizada dos movimentos nazifascistas que então assolavam pela Europa. O orador concluiu com uma abordagem sobre a profunda crise social que o governo actual tem imposto ao País, que põe em causa o estado social e leva ao desemprego e à miséria de milhares de portugueses.

A anteceder as intervenções foi projectado uma apresentação multimédia, realizada por Olga Macedo, sobre a Revolta dos Marinheiros e a vida de José Barata,



um dos heróis portugueses na luta contra o fascismo, agraciado pelo presidente Jorge Sampaio com a Comenda da Ordem da Liberdade.

Seguiu-se um debate entre os cerca de 150 participantes, em que intervieram, nomeadamente, Domingos Abrantes, que referiu um facto menos conhecido na Revolta dos Marinheiros – a morte de dez revoltosos –, e o Almirante Martins Guerreiro, que lembrou acontecimentos que precederam a Revolução de Abril de 1974.

De destacar ainda o lançamento de uma brochura editada pela URAP, intitulada «Tarrafal Nunca Mais», que faz uma abordagem sobre a Colónia Penal, bem como uma reportagem sobre o Simpósio Internacional ocorrido em Abril de 2009, em Cabo Verde, com a presença de 40 antifascistas portugueses que visitaram o antigo campo de concentração.

COMBATER O FASCISMO EMERGENTE

O recrudescimento do fascismo na Grécia não se iniciou em 2012, culminando com a obtenção de 7% dos votos por parte do chamado «Aurora Dourada» nas eleições gerais de Junho desse mesmo ano. O fascismo é como uma doença infecciosa que hiberna por períodos mais ou menos prolongados, para reaparecer – de forma brutal – quando o capitalismo mais dela precisa. Em 2009 tinha sido o partido «LAOS» – uma organização reaccionária de extrema-direita – que havia obtido mais de 5% (entretanto caiu para pouco mais de 1,5%) a fazer soar os alarmes de uma progressiva subida das forças mais extremistas, anti-operárias e anti-comunistas da direita grega.

O problema – para o qual o KKE (Partido Comunista Grego) desde há muito vinha alertando – é que, no contexto de absoluta destruição económica, política e social da Grécia, as forças políticas e paramilitares de natureza nazifascista encontraram um contexto extremamente permeável à sua mensagem de ódio e segregação, com consequências dramáticas para a segurança e a liberdade de uma boa parte daqueles que – sendo ou não gregos – vivem nas principais cidades helénicas.

O recente assassinato do músico Pavlos Fyssas, antecedido por agressões barbas a sindicalistas membros do KKE na zona do Piraeus, é o desfecho esperado de um conjunto de acções violentas levadas a cabo por grupos armados do «Aurora Dourada», herdeiros directos das Sturmabteilung (SA) alemãs. A acção aterrorizante levada a cabo pelos grupos neonazis gregos, tendo como alvos fundamentais os imigrantes, activistas sindicais e militantes do KKE, foi por diversas vezes denunciada, sem que quaisquer medidas fossem tomadas por parte das autoridades gregas no sentido de proteger cidadãos indefesos dos grupos organizados de agressores.

É curioso notar que os alvos dos grupos armados do «Aurora Dourada» não são aqueles que colocaram a Grécia na situação calamitosa em que se encontra. Pelo contrário, assumindo o habitual papel de tropa de choque do capitalismo e dos seus centros de poder, a extrema-direita direcciona o seu ódio assassino contra os mais desprotegidos por um lado – e na Grécia estes têm sido fundamentalmente os imigrantes – e contra os mais consequentes adversários do sistema por outro – os membros da frente sindical PAME e do KKE. Esta realidade é sublinhada pelo comunicado divulgado recentemente pela PEAFA-DSE, organização antifascista e de resistentes grega, homóloga da URAP e também membro da FIR.

A tomada de posições relevantes no seio da polícia e do exército por parte de membros ou apoiantes da extrema-direita grega fez-se sem que nenhuma instituição política com poder executivo na Grécia tivesse actuado em defesa da democracia. O «Aurora Dourada» teve assim a possibilidade de aceder a armamento, formação militar e a



um vasto campo de recrutamento, gerando uma situação de perigo potencial extremamente grave, que tem como responsáveis fundamentais aqueles que têm conduzido a Grécia à condição de estado pária numa União Europeia feita à medida da dominação alemã. A bandeira do Reich parece flutuar novamente (à semelhança do que aconteceu durante a II Guerra Mundial), ainda que não esteja lá visível, diante do Parthenon, dominando toda a cidade de Atenas.

A luta antifascista assume-se assim como uma das frentes de combate mais relevantes do contexto político, económico, social e cultural grego. Uma luta que não se desliga de outras igualmente relevantes, numa interdependência que me parece evidente: a luta pela retoma da soberania grega, contra a dominação das troikas, contra o «memorando» grego, contra a União Europeia, pela paz e contra a guerra na região, a luta pelos salários, pelos direitos e pela democracia.



O cantor grego Pavlos Fissas foi assassinado por grupos neonazis pela sua firme postura antifascista

A besta fascista não ergue a cabeça apenas na Grécia. Acontece porém que encontrou na situação grega um terreno fértil para se manifestar da forma violenta e desumana que é a sua essência natural. Há que derrotá-la uma vez mais. Apenas o povo (apenas os povos) poderá fazê-lo.

Rui Vasco Silva

PRIMEIRA EDIÇÃO COM OITO LAUREADOS PRÊMIO MICHEL VANDERBORGHT



Oito instituições ou personalidades receberam este ano o primeiro prémio «Michel Vanderborght», da Federação Internacional dos Resistentes (FIR), criado para galardoar os defensores dos valores da paz, da tolerância e da liberdade pelos quais Vanderborght sempre lutou.

Michel Vanderborght, que foi presidente da Federação Internacional dos Resistentes (FIR), morreu a 12 de Setembro de 2010, com 85 anos, e foi uma importante figura do combate antifascista durante e depois da II Guerra Mundial. O prémio foi entregue, dia 7 de Julho, no Parlamento belga, pelo presidente da FIR Vilmos Hanti, ao **Instituto Nacional Belga para os Veteranos e Vítimas de Guerra (IV-INIG)** na presença do presidente, André Flahaut, e recebido pelo actual presidente da organização, General André Lejoly, tendo ambos usado da palavra, e pelo administrador-geral, Michel Jaupart.

O prémio «Michel Vanderborght» 2013 distinguiu, igualmente, a cidadã belga **Marie-Louise Vanderborght-Valdemann**, viúva de Michel Vanderborght, que comungou com ele as mesmas ideias e causas. O professor búlgaro **Velko Valkanov**, cientista em assuntos políticos e históricos de renome, foi outro dos galardoados pelo reconhecimento do seu trabalho no âmbito da divulgação da luta antifascista na Bulgária, bem como a organização **KONTAKTE** e **Eberhard Raddczuweit**, da Alemanha, pelo trabalho de mais de 20 anos no apoio financeiro, social e político a vítimas do nazismo, trabalhadores forçados e prisioneiros de guerra dos países da antiga União Soviética.

Giorgos Farsakidis, da Grécia, veterano e pintor, resistente contra a ocupação fascista e prisioneiro do campo Makronisos, considerado o Dachau grego, foi também premiado, assim como **Baruch Shub**, de Israel, que foi durante muito tempo presidente da «Organização dos Resistentes, Combatentes Clandestinos e Rebeldes do Ghetto».

O jornalista antifascista **Filippo Guifrida** obteve igualmente o prémio pela firmeza e persistência com que defende e transmite as suas ideias democráticas.

É um activista da organização italiana ANPI e coopera com o Instituto dos Veteranos e com a FIR. Esteve na organização da delegação de Itália que participou no «Comboio dos 1000», em 2012.

Finalmente, a condecoração foi atribuída ao **13.º distrito de Budapeste**, Hungria. Embora o prémio seja preferencialmente dado a organizações ou personalidades, esta região administrativa e os seus dirigentes, nomeadamente o presidente, foram excepção pela luta contra a segregação social e a política económica neoliberal.

Michel Vanderborght

Michel Vanderborght, a personalidade que deu o nome ao prémio, aderiu desde muito jovem à Resistência e combateu no Exército dos Resistentes da região de Louvaina. Depois da Libertação do país, militou na Juventude Comunista belga e foi o representante do seu país na Federação Mundial da Juventude Democrática, da qual foi também presidente. Nos anos 50/60, Vanderborght apoiou o Movimento Nacional Congolês, de Patrice Lumumba, e os seus contactos internacionais levaram-no a conhecer muitos representantes dos movimentos de libertação anticolonialistas, entre os quais Fidel Castro. Em 1960, esteve na organização da primeira marcha contra os mísseis atómicos, que decorreu em Bruxelas, e fez parte do Movimento para a Paz da Bélgica. No quadro do trabalho pela preservação da memória antifascista, foi responsável pelo Museu da Resistência Belga, em Bruxelas.

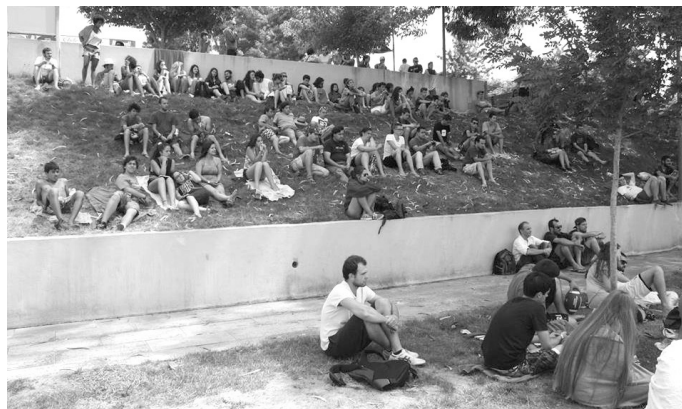
Michel Vanderborght foi eleito presidente da Federação Internacional dos Resistentes (FIR) em 2004 e, entre muitas actividades, esteve na origem do «Comboio da Liberdade», que reuniu mais de uma centena de jovens de vários países, que comemorou com antigos prisioneiros o Dia da Libertação no campo de concentração de Buchenwald, em 2008. Em Maio de 2012, realizou-se uma iniciativa semelhante, o «Comboio dos 1000», desta vez ao campo de extermínio de Auschwitz. A juventude portuguesa participou nas duas reuniões internacionais, enviando uma pequena delegação em 2008, e uma expressiva comitiva de mais de cem jovens em 2012, sob a organização da União dos Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP), membro da FIR.

ACAMPAMENTO PELA PAZ EM AVIS

A Barragem do Maranhão, junto à vila alentejana de Avis, acolheu entre 26 e 28 de Julho, a IV edição do «Acampamento pela Paz». A iniciativa inseriu-se na preparação do 18.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes (FMJE), que vai decorrer de 7 a 13 de Dezembro próximo em Quito, no Equador, sob o lema «Juventude unida contra o imperialismo, por um mundo de paz, solidariedade e de transformação social».

Os jovens presentes realizaram, durante três dias, a pintura de um mural alusivo ao 18.º FMJE e organizaram sessões de debate, convívio, animação, cultura, música, cinema, desporto, workshops e ainda uma visita à Feira Franca de Avis. Das diversas actividades, destaca-se o debate «A luta anti-imperialista e o 18.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes», em que se abordou o significado do imperialismo e o valor das conquistas do 25 de Abril de 1974, e como estas devem ser defendidas pela juventude e pelo povo português em geral, como forma de resistência à tentativa da sua destruição.

A URAP é uma das organizações que integra o Comité Nacional Preparatório do FMJE. O acampamento teve o apoio da Câmara Municipal de Avis.



XVI CONGRESSO DA FIR



A URAP participou, nos dias 5 e 6 de Outubro, no XVI Congresso da Federação Internacional de Resistentes-Associação Antifascista (FIR), realizada em Sófia, capital

da Bulgária. A URAP, que é membro da FIR, fez-se representar pelos membros dos corpos sociais José Pedro Soares e Ivo Serra. Em debate estiveram os relatórios do presidente e do comité executivo, a eleição dos corpos dirigentes e a definição das linhas de acção para os próximos anos.

REALIZAÇÃO HISTÓRICA

AVEIRO 4 a 8 de ABRIL de 1973



3º CONGRESSO
DA OPOSIÇÃO
DEMOCRÁTICA

O 40.º aniversário do III Congresso da Oposição Democrática, realizado em Aveiro, será evocado numa sessão promovida pela URAP no próximo dia 23 de Novembro no Clube Estefânia, em Lisboa. Entre os participantes, estarão alguns dos que, desafiando a

repressão, ousaram levar a cabo tão importante momento de unidade antifascista que, de certa forma, constituiu uma antecâmara para o fim da ditadura, ocorrida um ano depois.

WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses